

CRIANÇA

ENSAIO SOBRE A SUBJETIVAÇÃO

Luis Eduardo P. Aragon

Médico cardiologista, psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em cardiologia pela Escola Paulista de Medicina e doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

“É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida.”

D.W.Winnicott (1971a)

Naquele dia de sol claro, nada indicava uma emoção particular. Não havia nuvens chorosas, vento consolador, raios de medo ou quaisquer outros sinais fortes da natureza. No entanto, quando entrou na sala, a atmosfera iniciou uma mudança. Agredindo o vagar vivo do tempo, a sala pôs-se a parar. Um movimento repetido de perna embala a narrativa sem fim. Palavras, as mesmas, de uma história conhecida de amargura. O tempo, cúmplice da sonoridade monótona, convoca uma anestesia das sensações, e o afeto gélido esfria a esperança de um tempo novo.

Tudo seria diferente se a particularidade incessante daquela amargura fosse, ao contrário, a singularidade de Uma Amargura. Se assim ocorresse, a emoção poderia vibrar, caminhar no tempo e nas fábulas, e conhecer as amarguras do mundo. Amarguras de despedida, de reencontro, de mãe, de sonho, de...

Naquele dia a sala infinita estava condenada a perpetuar pela eternidade.

O som, as palavras, a perna e o tempo morto eram acompanhados de um silêncio. Ele, o silêncio, estava jogado na cena como que por acaso. Era tímido, quase impossível na densidade imutável. Mas, mesmo desprezado e fraco, foi inadvertidamente produzindo buracos minúsculos.

A sala perene, sem se dar conta, foi experimentando algo que a princípio não era um ritmo, mas apenas falhas, espaços, não-coisas. Aquela amarga infinitude, por não conhecer limites, não podia pressentir um outro tempo que espreitava, grávido por aparecer.

Foi então, como que por milagre, abrupto, o mundo mudou. Após um silêncio total, de palavras, sons e pernas, surgiu: “sonhei que estava em um acampamento da infância, me banhava nas águas sujas de uma piscina natural. Como é bom!”.

Não se poderia dizer que as palavras partiram do corpo mutante, ou que este último se compôs a partir delas, não há autoria nem hierarquia. Os olhos ganharam uma vitalidade imprevista, as pernas como toda a carne sentiram um calor sanguíneo, e o tempo ficou alegre. A sujeira, a piscina, a infância, explodiram intempestivamente a eternidade do tempo e iniciaram um “jogo de colorir”. Sujeira com cor de saudade, piscina com cor de carinho, infância com cor de alegria.

Viveu-se então o momento sagrado de não se saber aonde chegar.

RESUMO: *Inspirado basicamente na produção teórica de Winnicott, proponho que na relação analítica – para a emergência do novo – o sujeito, enquanto identidade constituída, é necessariamente ultrapassado. Isto implica em uma determinada prática clínica e inspira o exercício de novas formas de escritura em psicanálise.*

Ser criança:

Ser criança, mesmo que por um instante, é ser outra coisa, sair do lugar e avançar em direção a um grito, um animal, uma cor, um monstro composto de tudo isso e mais.

Encarnar a criança de todos os tempos é navegar pelo tempo e criar novos espaços, espaços de brincar. Brincar com o urso, que não é urso mas calor, explosão, ódio, eu quando já não sou mais eu. Perceber, sentir, construir castelos de eu, e deixar as ondas os levarem para o surgimento de novos monumentos.

A criança não tem idade mas espírito para brincar (WINNICOTT, 1954). Não tem corpo, e nem se reconhece em um processo de desenvolvimento. Usa os corpos: corpo-sensação, corpo-movimento. Mas abdica de sua propriedade, pois quer ser selvagem e arrasar o civilizado. É a revolução, a coragem do arriscar-se em uma nova composição.

Partindo desta forma de conceber a criança e o brincar, foi possível assumir o risco de compor uma descrição de sessão, onde a noção de sujeito¹ não predomina.

Não-sujeito:

A situação descrita acima não se passou com uma criança, cronologicamente falando. No entanto, acredito que se pode entrever a emergência da criança que cria, que se transforma junto com seu mundo, formando novos possíveis.

Não há necessidade de pensarmos cronologicamente, o que nos interessa aqui é o momento mesmo de criação de mundos próprios². É importante que se abandone o sujeito constituído de memórias e marcas para a emergência do novo no brincar³. A história individual, neste momento, serve para ser esquecida (NIETZSCHE, 1874), para que outra história possa ser engendrada. Mas o que deve ser esquecido na história? A imagem reificada de uma história linear, que sustenta a ilusão de um eu monolítico. Esquecer a idéia de progresso, onde arquivos viriam somar-se a outros já petrificados. Idéia que implica um ideal definido *a priori*, estabelecendo uma hierarquia incompatível com o brincar criativo. A memória aqui tem papel secundário, convocada em blocos só para ser traída, na urgência de dar corpo às sensações sem-nome.

Em rituais indígenas encontramos um paralelo que nos ajuda a pensar a “alma” do brincar. É necessário que haja um sacrifício ritual, para que seja mantido um equilíbrio entre o imponderável, o virtual, e o mundo atualizado. Algo deve morrer para que a vida possa prosseguir. O momento de “criar novos mundos” exige o não assujeitamento do ser em um sujeito, mas seu desaparecimento. Com isso não há mais lembranças ou atitudes de tal ou qual pessoa, mas fluxos de palavras, idéias, imagens, repetições. Estes fluxos compõem atmosferas⁴ abertas para afetar e serem afetadas, zonas de indiferenciação, que possibilitarão mudança. Não falamos de uma mudança qualquer, mas daquela que cursa com a participação ativa de quem brinca no processo de construção do novo. Ou seja, uma interação, e não uma adequação. Não é, portanto, uma alienação resultado de um modelo proposto, ou seja, a simples adoção de uma totalidade pré-formada (uma atitude, um gesto, uma fala, enfim, uma identidade). A adequação a formas de ser aprendidas - e não

¹ Definimos aqui o sujeito como totalidade histórica e individualizada, egoica, por oposição ao objeto (mundo externo), como concebido por FREUD (1915) em “Os instintos e suas vicissitudes” (p. 155). Sabe-se que Freud não formulou especificamente a categoria sujeito, no entanto nossa elaboração trata este conceito como o exposto no texto de 1915, na edição brasileira das Obras Completas.

² “Mundo-próprio” é um conceito desenvolvido por Jacob von UEXKÜLL (1933) que elimina as separações sujeito/objeto e sujeito/meio. Compreende as correlações singulares que cada indivíduo estabelece com o seu mundo ambiente através de um agrupamento de “sinais perceptivos” e de “marcas de ação”.

³ Brincar aqui no sentido de criar, e não no sentido de jogo. O jogo já constitui uma estrutura de relação, com regras mais ou menos fixas. No jogo existe uma ética das relações, é portanto um campo regido pela cultura.

⁴ Atmosfera “é um certo regime de forças, um campo de tensões que emerge da paisagem e cria certos desenhos, ou cartografias subjetivas. Uma atmosfera é aquele não sei quê que dá qualidade aos sentidos.” (GIL, 1996).

⁵Buscando possibilitar, na relação analítica, o surgimento do que estou chamando brincar, BION (1970) escreve: "...analista de mente que se absorve com o que se lhe fala ou não, com o que ele espera ou não, indica que não permite que a experiência se lhe imponha, principalmente no aspecto de ser mais que ouvir a voz do paciente ou mirar-lhe os modos de ser." (p. 51) e mais adiante "Se, deliberadamente o psicanalista não se despoja de memória e desejo, o analisando que "sente" isso debate-se com o "sentimento" de estar possuído pelo estado mental do analista, e nele contido, isto é, o estado que o paciente se representa como "desejo" (p. 52).

⁶ "A partir de si mesmo" não se torna enigmático quando pensamos na teorização winnicottiana de reação a uma invasão, que percorre toda a sua obra, obrigando o indivíduo a sair do espaço de experimentação criativa e desenvolver uma adaptação ao que lhe é exterior. Sem invasão, o indivíduo cria um mundo a partir de sua ação no espaço entre a realidade e a ilusão.

⁷ Em 1920 Freud concebe o conceito de pulsão de morte, e o desenvolve como compulsão à repetição. Compulsão que – além do princípio do prazer – visa restituir um estado anterior, que em última instância é o inanimado. A pulsão de morte, em sua perspectiva positiva, de processualidade, não pode ser colocada aqui como sinônimo de morte. Ao contrário, é fundamental para o abandono de antigas formas e o surgimento de novas.

concebidas – mesmo que do passado próprio, não contribuem para a emergência do novo.

Imprescindível, na condução deste pensamento, que o analista também tenha a condição de "perder-se de si", enquanto sujeito. Para isso deve trilhar o difícil caminho de abdicar do desejo, da memória, e mesmo da compreensão⁵.

Ganha relevância a questão do papel do analista no momento da criação subjetiva. Pois, sem nos furtar a reconhecer a importância do conjunto de regras que compõem a práxis psicanalítica — seu aspecto de jogo — e da assimetria que se impõe à relação para preservar seu aspecto clínico, podemos dizer que a criação em si pertence a outro plano. Neste sentido é possível reparar na descrição clínica, que a atmosfera complexa que se apresenta no momento do encontro, arranca o próprio analista de sua identidade. Diríamos até que é justamente a capacidade de abdicar de seus referenciais identitários que torna possível a atitude clínica. A permissão voluntária para o involuntário permite a composição de afetos in-corporais, e, sendo assim, sem autoria. São sensações de tempo, de ritmo, de espaço que se formam com a colaboração de movimentos, blocos de lembranças, modulações de voz, sons do corpo e etc. São partes de pessoas, coisas, idéias e afetos que se agenciarão para produzir novas sensações, conduzir a novos sentimentos e, quem sabe, articular palavras em uma narrativa possível. Um cheiro, um medo, um tempo que custa a passar, ou que já passou e não se percebeu...

Não será novidade para os clínicos que é do caldeirão do impessoal que o pessoal pode vir a formar-se.

Um futuro que nasce:

O brincar traz alegria justamente porque permite ser outra coisa do que já está aí (atualizado), mas a partir de si mesmo⁶, na constituição do mundo próprio.

Após a desconstrução de tudo que particulariza a pessoa em sua história, abre-se um campo de possíveis. Tempo e espaço encarcerados em cenas imóveis são a própria expressão da morte⁷, uma estagnação da vida por um desligamento de tudo o que se compõe e permite mudança.

No fragmento de sessão descrito, há um momento onde a aliança passado-presente insistentemente repetida, abre-se para um novo sentido, e isto muda radicalmente o mundo compartilhado, assim como a apercepção⁸ do mundo. A piscina da infância é a agradável sensação de agora, e a certeza desta sensação vivida neste novo mundo de sensações que se abre. É aquela piscina, mas também todas as outras, agora possíveis no futuro. O brincar, no sentido de recriar a própria realidade, fez nascer um futuro no presente.

O espaço da criação:

Estar com alguém implica riscos. São concentrações de mundos que

se lançam num embate limite. Mundos alísios ou revoltosos se compõem e arrebetam criando atmosferas reais, sensíveis e únicas. Uma química sempre nova de encontros aglutina e esgarça mundos meus, mundos de eus. E, se este “estar com” for realmente sincero, inevitável será perder-se de si e lançar-se na extrema loucura de partir.

Desprender do cais, momento sublime e louco de soltar as amarras da ilusão de si – um si que se crê eterno – e navegar por outros mundos. Cada partida carrega um ato de fé. Fé de se perder em uma viagem que se sabe, não existe retorno. Na saída o porto já é outro, o mundo mudou.

Que mundos corajosos empreendem esta aventura de ser-indo? De ser-sendo?

Assim que chegou percebi a alegria de chegar, não havia necessidade de palavras. Mas, em seguida, as palavras e o som se uniram compondo um cortejo duro e triste, quase uma canção, encarnada de desespero de abandono.

Seria absurdo imaginar que um sentimento tão condensado de emoções imperfeitas - tão intenso - se permitisse enclausurar em palavras. Mas ali, naquela sala conhecida e portadora de tantos momentos - esquecidos na forma, mas presentes na emoção -, era possível ensaiar um falar. O mundo louco de um cotidiano infeliz podia então comportar a desmedida tristeza. Forma de uma angústia de sentir em si o desejo de não mudar, de ficar, de deixar que os barcos se afastem vazios do cais, de desistir.

Não há esperança em uma vida concreta demais, invadida ao extremo.

De onde vem, então, a força de existir? Perguntei-me várias vezes.

Vida que surgiu sem ser bem vinda, e que encontrou refúgio no impossível lugar de não ser. No entanto, a cena absurda do campo arrasado conserva a semente abandonada em esperança.

Difícil escrever sobre este singular lugar de existir. Além de ser fugaz e não geográfico, não é vivido por pessoas apesar de incluí-las necessariamente. Enquanto me aferro ao que acredito ser eu e você ao que acredita ser sua mais íntima propriedade, não há lugar para existir no sentido criativo que estou imprimindo ao termo. Há sim invasão ou abandono.

O ritmo parece ser um campo profícuo para uma aproximação do ser sendo, pois comporta obrigatoriamente preenchimentos e vazios, ou seja, é a própria manifestação das composições de espaço-tempo.

Os órgãos do sentido, longe de serem estruturas passivas, são complexos ativos que se apropriam da realidade no limite de produção de ritmo entre o si e o mundo. Os gestos, as melodias vocais, as posturas, os fragmentos de memória, tudo se apresenta enquanto constrói uma sensação. Não há distância entre agir e perceber. E para agir-perceber criativamente, formando novos grupos de possíveis, importa não ser uma identidade fixa, mas abrir-se para tudo que se revela signo⁹ e comporta seu próprio condensado de tempo-espaço.

⁸ No sentido que tem para WINNICOTT (1971b), ou seja, aquilo que está *entre* o objetivamente percebido e o subjetivamente concebido (p.139).

⁹ Signo entendido como sensação que convoca à decifração (DELEUZE, 1976, p.96). Decifração não no sentido arqueológico de revelar o oculto, mas de simbolização.

¹⁰ Pensamos com FREUD (1915) a pulsão “como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático...”. No entanto, ao tratarmos da processualidade da criação, não podemos fazer a separação entre interior e exterior, ou objetivo e subjetivo. A pulsão não exclui o entorno. Pensando assim, tanto o psíquico quanto o somático se abrem para uma complexidade criativa que só é limitada enquanto acontecimento vivido no tempo.

¹¹ Como diz WINNICOTT (1971c): “...o brincar atinge seu próprio ponto de saturação...” (p.77).

Mas para que se possa mergulhar na aventura que é buscar novas sensações e sentidos, é necessário conviver com o paradoxo de conservar uma certa monotonia. Um tom, um ritmo sentido como próprio, é a passagem necessária para a viagem. Dizendo isso não estamos nos afastando do pensamento que a subjetividade surge do impessoal, mas reforçando esta concepção. Este ritmo próprio, que traz em si uma sensação de confiança, não é uma essência ou um “já dado” ao nascer, mas sim um constructo. WINNICOTT (1945) toca esta questão quando pensa o *processo* de integração, onde toda a complexidade do ambiente e da pressão pulsional está em jogo para constituir um plano de consistência subjetiva. Neste engendramento de forças, uma regularidade rítmica deve emergir e formar um fundo (na perspectiva estética, um estilo), uma melodia que persevera sem se fechar a novas composições. É portanto no limite de um ritmo com outros ritmos que, penso, a emergência pulsional¹⁰ gera o novo.

Lugar quase impossível o de ser presente para ausentar-se, determina a diferença entre a vida como cabide de outras vidas, e a vida enquanto arte.

Despedindo:

O brincar cria por entre o constituído e o supera, sejam pessoas ou palavras. Brincar com palavras e identidades, abrindo-as para novas possibilidades de significação. *Ça* significa, em francês, o que podemos chamar de *isso*. Esta foi a palavra sugerida por Groddeck para nomear o inconsciente. Palavra potente pois difícil de enclausurar em um sentido único. E é justamente este espaço – não geográfico – de liberdade para a composição de sentidos entre mim e outro que nos aproxima e nos excede (*o Isso*).

Criar este espaço intensivo, cheio de potência mas não territorializado, é o que permite a experiência psicanalítica e o viver em sua plenitude.

No ocaso da cena, a invasão das afecções explode em signos que convocam à expressão. Estes signos buscam ser casa, buscam uma existência possível no entre que inclui os dois e mais.

Entende-se, então, que é no abandono da imagem de si, e no mergulho em todo o diferencial que emerge das sensações, que se singulariza a pessoa. Daí surge a sensação de si como algo genuíno e próprio.

Daí surge a alegria e a certeza de que a vida vale a pena ser vivida.

ABSTRACT: *Using basically the theoretical production of Winnicott, I propose that in the analytical relationship - to arise the new - the subject is necessarily exceeded. That idea involve one kind of clinical practice and inspire to develop news forms of writing psychoanalysis.*

Palavras-chave: Subjetivação, psicanálise, escritura psicanalítica, criação.

Key-words: *Subjectivation, psycho-analysis, psycho-analytical writing, creation.*

BIBLIOGRAFIA

- BION, W. R. (1970) "A memória e desejo opacificam a mente" In: *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1991, pp. 51-52.
- DELEUZE, G. (1976) *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987, p.96.
- FREUD, S. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. E.S.B. vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- _____(1920) Além do princípio do prazer. E.S.B. vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- GIL, J. *A imagem nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia*. Lisboa, Relógio d'Água, 1996, pp. 50-51.
- NIETZSCHE, F. (1874) Da utilidade e desvantagem da história para a vida. In: ____ *Considerações extemporâneas*. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1974.
- UEXKÜLL, J. V. *Dos animais e dos homens – digressão pelos seus próprios mundos – doutrina do significado*. Lisboa, Edição Livros do Brasil, 1933.
- WINNICOTT, D. (1945) "Desenvolvimento emocional primitivo" In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1993, pp. 276.
- _____(1954) "O brincar na situação analítica" In: *Explorações psicanalíticas*. Org. Winnicott, C., Shepherd, R., Davis M. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, pp. 24.
- _____(1971a) "A criatividade e suas origens" In: *O brincar e a realidade*. Imago, Rio de Janeiro, 1975, pp.95.
- _____(1971b) "A localização da experiência cultural" In: *O brincar e a realidade*. Imago, Rio de Janeiro, 1975, pp. 139.
- _____(1971c) "O brincar: Uma exposição teórica" In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975, pp.77.

Rua Doutor Esdras Pacheco Ferreira, n: 239,
Vila Nova Conceição, São Paulo-SP
Telefone: (11)3889-7070
E-mail: aragonn@uol.com.br